



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC



Direto de Amsterdã

Um dos integrantes de antiga roda que se reúne na Galeria Chaves, em Porto Alegre, trouxe da Holanda essa caixa de balas de goma de mascar de cannabis sabor blueberry. Pagou 10 euros, mas, segundo ele, o custo benefício não vale a pena. “É muito fraquinha”, sentenciou. Isso que está na faixa dos 70 anos.

O que o Papa pensa

Nesta sexta-feira de manhã cedo, o Papa Leão XIV vai ter que ler todos os jornais e revistas para saber o que ele pensa. Tão logo seu nome foi anunciado, a mídia mundial apressou-se em definir sua ideologia, o que promete seu papado, o que deverá fazer diante da grave crise da Igreja, essas coisas tão fundamentais. Não vale dizer que o conterrâneo Donald Trump, presidente dos EUA, influuiu na escolha.

Jacaré no Vaticano

As notícias da mídia sobre um dos favoritos para ser o Papa mostra que o colégio eleitoral da Santa Madre também tem vazamentos e abriga jacarés, animal que tem boca grande. Teoricamente, porque falava muito em um italiano e ventilava-se que poderia ser americano. Em tese, os cardeais ficaram isolados do mundo exterior, mas na era da internet e do celular, isso é impossível.

Ela voltará

A galocha, aquela camada de borracha que no passado era muito usada para proteger sapatos, tinha o inconveniente de reter umidade e com isso mofar o couro. Na enchente de 2024, houve tentativas de ressurreição sem muito êxito. Melhor ir em lojas que vendem botas para construção civil e comprar botinhas de borracha de cano curto. À prova de água, e com elas dá para meter o pé no barro, eis que vem aí uma temporada de aguaceiros. Ou não.

A letra da vitória

Quando a Alemanha se rendeu em 5 de maio de 1945, as emissoras de rádio da Europa tocavam a Quinta Sinfonia de Ludwig van Beethoven, o que também aconteceu em junho de 1944 quando da invasão aliada na Normandia, França, reta final do nazismo. A quinta tem no acorde inicial três notas curtas e uma longa, que no hoje esquecido Código Morse significam a letra V, de Vitória.

Terceirão

O Brasil tem o terceiro maior juro real do mundo, 8,65%, já descontada a inflação. O primeiro é a Turquia, com 10,17% e o segundo, ora que graça, é a Rússia. Vladimir Putin precisa rolar a enorme dívida causada pelos gastos com a guerra na Ucrânia.

Nova unidade

A Radimagem inaugurou nova unidade no Medplex Eixo Norte, na avenida Assis Brasil, em Porto Alegre. Com investimento de R\$ 8 milhões, a estrutura foi projetada para qualificar o diagnóstico por imagem focada especialmente em exames de ressonância magnética.

A nota sobre a confusão que reina na avenida Independência mereceu manifestações de leitores aduzindo outras mazelas da via. Nesta quinta-feira de manhã, por exemplo, foi ruim, muito ruim. Ajudaria que as obras tivessem um cartaz informando a projeção do fim dos trabalhos para dar alguma esperança.

Cobertura internacional

A editora de Economia do JC, Fernanda Crancio, viaja nesta sexta-feira à noite para fazer a cobertura da missão do governo gaúcho em Nova York. A agenda da comitiva começa no domingo e segue até a próxima quinta-feira, período em que a enviada especial do **Jornal do Comércio** produzirá conteúdos sobre as atividades nos Estados Unidos para as edições impressa e online.

HISTORINHA DE SEXTA

Comidinhas de criança

Toda geração teve as suas preferidas, mas quase sempre ela tem a ver com a mamãe e as receitas da vovó. Até os meus 9 anos, vivi na pequena e adorável São Vendelino e, como tenho boa memória, lembro muito bem delas.

Como o grupo escolar ficava a 1 quilômetro da minha casa em estrada de chão batido, a merenda da mamãe era obrigatória. A escola não a fornecia como hoje. E a fome, vocês sabem, é profundamente desagradável.

A merenda que minha mãe preparava não tinha muitas variações, pão preto ou de milho com Schmier da colônia e Kässschimer (quark), pão tostado com manteiga e açúcar, pão com banana amassada, açúcar e canela, tudo uma delícia.

Pão d'água só na cidade grande, e vinha só na sexta-feira de Porto Alegre no ônibus do seu Kurt. Mesmo dormido, se comia com reverência. Basicamente era esse o meu cardápio, enrolado em uma trouxa de pano.

Ao chegar na escola, às vezes com tempo chuvoso e temporal, era hora do troca-troca com meus coleguinhas. Meu pai era comerciante, então, tínhamos melhores condições de vida, ao contrário dos filhos dos colonos. A pobreza era grande, e no prato não se desperdiçava nada. Ai de mim se eu deixasse resto de comida no prato, porque meu pai era alemão - veio para o Brasil em 1920 - e tive uma rígida educação germânica.

Mas não me queixo, ao contrário. Não tinha moleza de ficar em casa em dias de chuva forte. Minha proteção era uma capa Tropeiro, feita com camada grossa de feltro impermeável. Durava a vida toda e mais um pouco.

Bueno, e o no que consistia esse escambo? Os filhos de colonos traziam pão com uma leve camada de banha de porco e às vezes linguiça caseira, cujo gosto minhas papilas gustativas lembram até hoje. Outra iguaria era o torresmo, já que a maioria deles criava porcos tipo banha, que valia um bom dinheirinho. Ao contrário de hoje, não se criava porcos tipo carne, só a raça Macao, pretos, rechonchudos e mal-humorados. Como é que você se sentiria se soubesse que viraria comida de humano, daria risada, é?

Frutas eram relativamente abundantes, maioria cítricos. E havia pitanga, a fruta da minha infância cujo cheiro me transportava num záz para a minha “ilha” de pitangueiras, numa curva do Arroio Forromeco, com cerejas pretas e peras. As famílias também faziam goiabada e figada. Outras frutinhas foram extintas, lembro de várias com seus nomes no dialeto hunsrik.

Claro que os bolos que a mamãe fazia eram um espetáculo, e em dias de festa ou kerbs vinham tortas. A rainha da minha infância foi a gemada. Rapaz, que coisa deliciosa dona galinha nos dá, merecia uma estátua. Aliás, a galinha era cara naquele tempo, só se fazia galinha quando a galinha estava prestes a ir para um asilo. Se dizia que, pobre quando come galinha, um dos dois estava doente, alusão à canja.

Eram poucas as minhas incursões alimentícias, exceto a gemada. Batia a gema com açúcar por um bom tempo, depois acrescentava a clara batida e misturava. Era uma coisa que me transportava para o céu. Embora eu não saiba nem fazer ovo cozido, inventei moda ao despejar nela uma gotinha de extrato de baunilha. Era o céu em dobro. Posso dizer que fui *patissier* muito antes que a palavra existisse no Brasil.

Depois veio o picadinho à Maria Luiza, mas essa já é outra história.